

Suspiros da vida - Antologia poética

A.M.B



Apresentado por

Meu Lado Poético 

Dedicatória

Para minhas crianças, Gabriela, Jeferson e Gabriel, minhas luzinhas.

Agradecimentos

Agradeço a todo o apoio recebido, aos meus professores, a minha família e aos meus amigos que me motivam cada vez mais.

resumo

Uma sonhadora no quarto

Sorrir nem sempre é o melhor remédio

Desigualdade nunca sai da moda

Corpo apaixonado

Esmacecer suicida

Sua plenitude me fez te amar

Pequeno príncipe

Apenas eu...

No pain no gain

Noite estrelada

Onde os anjos cantam

Soneto da morte

Olhos tristes

Ah se você soubesse... (versão individual)

Eu sou o eu sou

Música, músico, musicalidade.

Retomando o amor a vida

Miserável

Para sempre Lily

Memórias

Casa amarela

O Sol nasce para todos

Uma sonhadora no quarto

Uma sonhadora no quarto

Do meu sonho eu retiro o lugar secreto
onde deleito minha alegria em plumas e cores,
onde não há mágoa e sofrimento,
assim como não há decepções e dores.

Ali eu posso criar meu universo interior
voando alto em um quadro em aquarela,
com luzes ofuscando intensamente minha dor
e me fazendo ser a artista que ilumina todas elas.

Com um pingo de imaginação nos meus olhos cansados
Fui rainha e rei, viajei a Honolulu e Veneza e fui de monstro a herói.
Mesmo diante de cortes e ossos fraturados,
ainda derrotei gigantes e construí castelos que não se destroem.

Apesar das facas no meu coração, eu plantei rosas e flores
as regando com lágrimas de fé e perseverança.
As suas raízes cicatrizaram as feridas e as fizeram torres,
enquanto se pintava em mim um suspiro de esperança.

Um véu de estrelas cintilantes trouxe a noite límpida.
Cavalos alados cruzam os diamantes para cantarolar
uma canção sobre a solidão e a tristeza vívida,
onde uma menina, no escuro de seu quarto, desata a sonhar.

Sorrir nem sempre é o melhor remédio

Sorrir nem sempre é o melhor remédio

Não ser vulnerável e se esconder,
Se não souberem será melhor.
Ninguém jamais vai entender,
Então por que mostrar seu pior?
Risos, sonhos, positividade anormal.
Mas será que estou bem assim?
Toda essa utopia não parece ser real,
Mesmo esse conceito estando em mim.
Não chore, mostre sua fortaleza.
Se reclamar não estará sendo grato.
Seja pleno, essa é sua beleza.
E o resto mantenha em anonimato.
Muitos te cobram sorrisos sem felicidade.
A alegria é a fachada perfeita.
Esconda sua dor em piadas sem vontade
E enterre a liberdade em uma vida bem feita.
Se sua alma está esmaecendo, doente,
Não a force a uma batalha imbatível.
Há muito mais no céu e na terra do que sonha nossa mente
E a alegria não é a única emoção sofrível.
Se liberte e viva a si mesmo com as suas emoções.
Você é um universo inteiro, com uma vastidão nada pequena.
Suas cores, sua dor, suas lágrimas são a beleza nos clarões,
Cuja verdade é a força que faz tudo valer pena.

Desigualdade nunca sai da moda

Desigualdade nunca sai da moda

Enquanto eles se sentam a mesa,
Os outros se sentam no chão.
Não há bondade e gentileza
Onde a fome é uma opção.
Enquanto eles contam suas notas,
Os outros medem sua pobreza.
Não há suporte para almas mortas
Em que a miséria é sua grandeza.
Enquanto eles reclamam banalidades,
Os outros se calam diariamente.
Não há misericórdia nas cidades
Em que a censura é latente.
Enquanto eles matam e ganham o jogo,
Os outros morrem e perdem a frente.
Não há piedade no ciclo do lobo
Que toma tudo do cordeiro inocente.
Enquanto eles pisam em cabeças,
Os outros se queimam para sobreviver.
Não há remédio que amorteça
A dor de perdurar e não vencer.
Enquanto eles estalam os dedos e é servido,
Os outros desfalecem a seus pés sem nada.
Não há justiça em ser banido
Do recanto que já foi sua morada.
Enquanto eles entram em seus jatos,
Os outros se contentam com a vida dada.
Não há virtude em conviver com ratos
E aceitar de bom grado suas migalhas.
Enquanto eles reinarem como porcas divindades
E os outros serem nobres criaturas em escanteio,
A luta pela igualdade permanecerá em justiça e verdade
E nada calará a voz do povo que as carrega em seu seio.

Corpo apaixonado

Corpo apaixonado

A brisa veio solene como um sopro de verão
Tão fresca, leve e alegre na mazela do sertão
Talvez seja a falta de um frescor,
Ou talvez estivesse inspirado,
Mas aquele suave vento teve só um sabor
O sabor de um corpo apaixonado.

Permiti-me suspirar e olhar para o céu
O azul dava lugar a nuvens brancas de papel,
Flutuando como bichinhos de algodão.
Talvez estivesse em romantismo exagerado,
Mas ao fundo daquela sutil canção
Ouvi a voz sublime de um corpo apaixonado.

Por onde vou andar quando as luzes se apagarem?
Quando a tua célebre presença, sem pudor, as levarem?
Sem direção, necessito de socorro, do teu abraço apertado.
No calor do seu rosto, mais que um corpo apaixonado.

O que vou fazer quando me deixares a sorrir em expectativa?
Talvez nem consciência tenha de que sua partida
É muito mais do que um adeus apressado.
Não há real despedida a um corpo apaixonado.

Mesmo assim voo sublime pelos céus da *dolce vita*.
Talvez devesse chorar pelo desfecho dessa triste narrativa,
Mas como chorar se vive em mim o universo não mensurado?
Todo o seu encanto e leveza palpita nesse corpo apaixonado.

Pernas para que te quero se tenho asas para voar?
Asas a mim dadas para apenas lembrar

De que dois corpos ainda se encontram sem serem encontrados
Onde a morte da carne une dois corpos apaixonados.

Esmacer suicida

Esmacer suicida

NÃO EXPLICO OS DEVANEIOS QUE ASSOLAM MINHA MENTE
QUANDO VISLUMBRO O RUBOR AMARELADO DO ENTARDECER.
DESPERTO-ME ENQUANTO MINHA ALMA SUPLICA SOLENEMENTE
POR UM POUCO MAIS DO SABOR DE SE VIVER

COM APENAS UM TOQUE DE FUROR ME COLOCO NUM PEDESTAL
SUBLIME, AVANÇO RUMO AO COLAPSO FRENÉTICO DE UM DESEJO
NAQUELA SUBIDA VOO ADIANTE PARA O PONTO SURREAL
EM QUE VISLUMBRO-ME CAINDO E DESFALECENDO NUM LAMPEJO

UMA PONTADA ARDENTE QUEIMA AS CICATRIZES QUE SE ABREM
UM SONHO SE QUEBRA NO RITMO DOS BRAVEJOS
SE AS LÁGRIMAS DESSA ALMA SECAREM
HAVERÁ MARCAS LATENTES EM SEUS LEITOS

COMO EM UM COMPASSO DE UMA BATIDA
A AGONIA ME AGARRA E CONTORNA MINHAS ENTRANHAS
ONDE POSSO VER MESMO SENDO CEGO DA PRÓPRIA VIDA
TODO O PUDOR INFÍMO DE SENSações ESTRANHAS

NO SILÊNCIO SURDO DAQUELE ESMAECER SUSPIRO
SUFOCANDO O ÂMAGO QUE LUTA EM DESPRAZER
ENQUANTO PERMITO-ME MERGULHAR NO AMARELO RUBRO
QUE COM A ESCURIDÃO SE PERMITIU ENCHARCAR E MORRER

Sua plenitude me fez te amar

Sua plenitude me fez te amar

Lua cheia, *Chardonnay* na mesa e *jazz* ao fundo
Seria pedir muito esse como nosso mundo?
Com mão sobre mão e risadas com leveza.
Olhos nos olhos, de segundo a segundo
Encarando sua incansável beleza.

Sonhos em lençóis, conversas de travesseiro.
Será que podemos ficar assim o dia inteiro?
Com plumas flutuando e palavras a brincar.
Com sua voz ecoando em cada meio
Nenhuma orquestra há de se comparar.

Luzes da cidade, palpitações e sussuros na pele
Como isso pode ser tão vivo e leve?
Cada cor do teu olhar extasiado
Ilumina a noite e me concede
Eternidade infinita em um tempo contado.

Piadas sem graça, sorriso enrugado
Como isso pode ser tão engraçado?
Seu riso é a oitava maravilha para mim
E sua graça floresce a luz no pecado.
Nada é tão encantador assim.

Sinos tocando, flores ao vento
Podemos viver para sempre nesse momento?
Com seus cabelos esvoaçando sob o Sol,
E o céu colorindo seu *all star* cinzento,
Van Gogh lhe pintaria como seu girassol.

Seus lábios a abrir, bochechas rosadas
Promete permanecer em noites geladas?
Com o crepúsculo e a friagem a estiar,
Nossos corpos quentes incendiando geadas
Da mesma forma que me permiti queimar.

Jurar que te amo, suplicar sua chegada
Como consegue manter a lua calada?
Enquanto seus braços envolverem minha alma,
Roubaremos a noite em nossa morada,
Se rendendo diante de sua aura.

Dançar pelos cantos, se libertar e voar
Um sonho é capaz de amar?
Sua companhia liberta a liberdade,
Sua presença fez o universo se apaixonar,
Enquanto estrelas cantavam a ti, saudade.

Ser minha luz, ser minha razão
Como transcende tanta perfeição?
Seus erros confundem o verbo errar,
Pois seu caminho é marcado com exatidão,
onde sua plenitude me fez te amar.

Pequeno príncipe

Pequeno príncipe

Pequeno príncipe, apenas prometa pra mim
Que seu coração não mudará
E para sempre será
Tão puro assim.

Pequeno príncipe, apenas prometo a você
Que tomarei toda a sua dor
E secarei com amor
O que aparecer.

Pequeno príncipe, apenas queria te guardar
Dentro de um potinho.
Assim teu lindo sorrisinho
Protegido estará.

Pequeno príncipe, apenas quero te mostrar
Que é a razão da minha felicidade.
E é a força da sua claridade
Que me anima a acordar.

Pequeno príncipe, apenas quero que esteja
Passo a passo, ao meu lado.
Não deixe esse colo amado
Pelo tempo que seja.

Pequeno príncipe, apenas sorria assim.
Seja sempre minha criança,
Muito mais que uma lembrança
E a eternidade pra mim .

Apenas eu...

Apenas eu...

Se lágrimas não são suficientes para lavar minha alma
Então que as suas banhem o terno de minha aura.
Porque, se ainda não abrangi em mim o macro puro
O deleite de tua respiração me conduz a sentir
Ainda que mínimo, uma fresta da realidade sem muro,
Sem fronteiras para inibir o universo a se abrir.
Assim, bem assim, ao seu lado sinto o mundo em vibração
Em mim, somente em mim, sou capaz de retomar a inspiração,
fazendo meu eu verdadeiro voar pela matéria que desceu
Permitindo-me sentir... apenas eu.

Será que consigo tocar o céu e nas estrelas balançar?
Olha como elas dançam, seus diamantes a cintilar!
Vejo com clareza agora, querido, o que significa viver
Indo para além de tudo, para além deste mundo de ilusão
E perceber que sou maior do que tudo, maior do que ter,
Apenas ser e sentir a alma vibrando e o bater do coração.
Obter riqueza nem se assemelha a respirar a paz em ar,
Ser feliz sem recorrer a algo para se autoconquistar
É nesse suspiro de frame que recebo o que já era meu,
É minha essência real... apenas eu.

Não é sobre julgar e ser julgado,
É sobre amar e ser amado.
Não é sobre ganhar e lucrar,
É sobre dar e poder doar.
Não é sobre recorrer a coisas pequenas,
Mas aproveitar o que vale a pena.
Reconhecer o quão frágil isto é
E se não abraçar com amor e fé
Olhos não serão capazes de ver,

Porque em um tempo contado
O essencial é invisível ao coração fechado.
Tendo que seu valor é maior que tudo,
imensurável neste pequeno mundo.
E estando acima do caos que é viver
Você encontrará... apenas você.

No pain no gain

» No pain, no gain

Tudo ao seu redor não para, nada para.
Mas você vem, alfa e imbátivel, você é o cara.
"Mais um shot de tequila, please, preciso aproveitar...
É tão hardcore carregar o mundo em minha lombar".
Nós compreendemos, você tem que dar conta de tudo.
Nem pagou as prestações da compra do mundo.

Apontar, direcionar e a sociedade aplaude de pé,
com seu Rolex e sua Ferrari, deus é o que você é.
"Machista eu?! Imagina. Como a mina, mas dou o que ela quiser."
Verdadeiramente um cavalheiro, um príncipe a toda mulher.
Chegou em Vegas, embalou e carregou as luzes da cidade,
Iluminou seu jardim que, coitado, estava em necessidade!

Para o trânsito na Wall Street para sua BMW passar,
"Cheguei. Cadê as reverências seus merdas que nem sabem guiar?"
Realmente, me esqueci que você é o oficial dono da rua
Que a sua cara estampa uma bandeira na lua
E que sua casa francesa em Saint Tropez
Apenas ressalta o quão foda é você...

Sinto muito majestade, acho que não trabalhei o suficiente
Para ter o que vossa excelência tem atualmente...
E, realmente, seu cash cala minha boca totalmente
Porque seu calibre 38 vêm com isenção de penalidade
E meu barraco sujo carrega o símbolo da maldade.

Desculpe, deveria ter lutado em meu meio imundo
Talvez, assim meu nome e sobrenome não fosse vagabundo
Se estudasse mais francês naquela escola pobre de lata
É verdade talvez, ao ser perseguido, não fugisse pela mata.
Talvez... apenas talvez, assim pudesse vestir um Armani no corpo

Mas é como dizem né?! No pain no gain, esse é o jogo.

Noite estrelada

Noite estrelada

"Não tenho certeza de nada, mas a visão das estrelas me faz sonhar"

Van Gogh, em lampejo fremente se dispõe a pincelar
E ali, colore seus devaneios, suas dores e seus sonhos pálidos,
onde a dureza da vida adulta os enterra em leitos plácidos.
E trancamos o riso e a infância em uma gaveta cruel,
onde a dinâmica do tempo não permite um olhar ao céu.
A lua, só e resplandescente, ilumina sozinha a escuridão...
Não há suspiros às estrelas dançando na imensidão.

O Sol vem, ao alvorecer, trazendo a luz de um novo dia
Mas nem esse vislumbre desperta euforia.
Onde foi que erramos, por ficarmos tão cegos da vida?
Ninguém repara na beleza e simplicidade escondida.
No orvalho de manhã, o suave cintilar na folha verdejante,
Enquanto o branco do céu contrasta a todo instante.
E quando a luz solar incide sobre as árvores, cria brilho amarelo,
Nenhuma alma deleita por esse detalhe tão belo.

E quando a chuva cai, tilintando nas calhas e no telhado,
Purificando o ar, ressoando tranquilidade no canto molhado.
Não há acalento sincero ao pensamento despercebido
Sem perceber, não abraçou o tempo e esse foi perdido.
Quando foi que erramos, que nos tornamos tão vazios?
No oceano de nossa coragem agora só resta lagos e rios.
Perdemo-nos no cansaço de estar sobrevivendo,
Enquanto o mundo gira, não para e não estamos vivendo.

Em cada fissura de pixel, cada pequenez mais pequena
É onde adormece a verdadeira essência do que vale a pena.
Já reparou quão lindo é um sorriso sincero, com rugas a marcar?
Ou quando uma mão é estendida para resgatar sem cobrar?

E aquele arrepio energizante de uma música que toca a alma,
Um pássaro que corta o crepúsculo e transmite tanta calma...
Já reparou naquele livro frio que lhe fez pensar por horas,
enquanto fumegava café naquela xícara desbotada de histórias?

Acordou de manhã e recebeu o Sol em sua janela?
Se permitiu se acariciar com a brisa fresca de primavera?
Tocou os pés nus na grama esmeralda coberta por margaridas?
E já amou, só pelo prazer de amar e ter as dores supridas?
Percebe o quão la vie est belle, mes amis? Tudo tão livre e pulsante,
Batendo como o tic-tac de um relógio de pêndulo na estante.
Tão vivo, transbordando uma paleta de cores de um célebre pintor
Que criou e pintou o mundo em um suspiro de iluminação e amor.

Cada etapa uma pintura impressionista, voando com destreza,
Mas que o cansaço do tempo, de ser adulto cega e ofusca a beleza.
Abra a gaveta e vista os sonhos... se permita sonhar sonhador
Pegue seu pincel, nessa noite estrelada, você é o pintor.

Onde os anjos cantam

Onde os anjos cantam

Hoje a noite caiu vívida, suprema e encantadora... me permiti sonhar,
Ao som da mais bela sinfonia de grilos e cigarras, iluminadas por vagalumes.
Já não sinto mais a brisa como antes, mas ainda sou capaz de me arrepiar,
se divagando vou, enquanto as estrelas brotam, navegando em seus volumes.
Numa tarde de inverno, onde seus longos cabelos me aqueciam,
Seus pés nus balançavam no ritmo do vento feroz e solitário...
E enquanto as notas do seu violão reverberavam, meus medos morriam...
E morrendo se foram até que, de repente, a redenção virou calvário.

Mas, apesar disso, à noite, no vazio do meu quarto e caos da minha alma
Revivo o encanto de seu canto, o sorriso do seu riso e a luz do seu pudor
Ali, onde pássaros cantam ao amanhecer, jasmims crescem em sua palma.
Ali, onde as estrelas aparecem para voar, é onde vive seu lívido amor.
Recordo de suas asas me protegendo e se abrindo para me presentear
Um mundo inteiro se fez pequeno e o universo não foi capaz de medir
Toda a sua leveza e alegria, regida por suspiros de encantamento do luar.
Só você foi capaz de me apresentar um lugar bom, melhor a se abrir.

Em tempo de guerra, seus olhos fizeram paz e em tempo de dor... ah querido!
Você fez, com suas delicadas mãos, a beleza resplandecer sob a luz solar
Você, somente você, fez reinar a justiça, bondade e o ensejo reprimido...
E nas bordas de crueldade, nada restou, todas as fagulhas se permitiram queimar.
Onde a luz havia sido esquecida, apagada e iludida, tu, maestro, as reviveram
E trouxe, além, em seus braços tatuados de cores vivazes, a sutil poesia.
Dessa maneira, o preto e branco tornou-se multicolor e as luzes se acenderam...
Como minha alma se acendeu, ao passo que, perto, lhe tocava e lhe sentia.

Mas, tudo aconteceu em segundos e nada no infinito contar do tempo...
Na sua presença a eternidade se fazia preguiçosa e brincava com as medidas.

E nesse paradoxo nonsense me via parada, perdida em meio a seu labirinto
Arrebatada, mas surpreendida e apaixonada pelos olhos que me fizeram viva.
Sei que é tarde para conduzirmos o auge juvenil que marcaram nossa história,
Contudo, ainda renasço no sorriso do meu limbo, em que suas mãos moldaram
Pois sobreviver sem meu verbo viver, é morrer lentamente sem glória
E respirar um ar sem o perfume do seu alvorecer é desfalecer onde já amaram.

Meu pássaro sublime, meu rouxinol encantado, sei que agora voa entre as estrelas,
Suas asas pairam no céu de nuvens brancas e lúcidas como seu olhar
E mesmo distante, ainda ouço sua canção recriada em montanhas belas,
Se tudo isso acabar, adormecerei em êxtase somente por te ouvir tocar.
Esteja em paz, seja aonde estiver, meu coração ainda bate em seu compasso
E batendo ainda sinto a vida, o amor, o sonho, a esperança, meu lugar bom
Porque sou grata a Deus por ter estado ao seu lado, por carregar seu pedaço
E, onde os anjos cantam ouço, lá do alto, a música que você tocava em seu violão.

Soneto da morte

Soneto da morte

Assim como Dante Alighieri buscava por Beatriz no inferno,
Encontro-te somente em meu mais profano paraíso.
Pois aonde adormece o ímpio no recanto superno
É o abrigo de quem desperta de um devaneio impreciso.

Assim como Giacomo lamentava em linhas tortuosas,
Entoo, lúcido em meu cansaço, a melodia da morte.
Pois a vida é tirana e rege-nos com fogueiras ansiosas,
rasgando as feridas, já massacradas por seu corte.

Encontrarei, doce musa, teu olhar a me salvar deste limbo
Apenas enquanto sufoco no absínto amargo de sobreviver,
Absorvendo seu encanto que com o tempo vai sucumbindo...

Até, enfim, desaparecer...
E desaparecendo foi, que me perdi...
E... em teus braços... adormeci.

Olhos tristes

Olhos tristes

É doloroso pensar nas facas encravadas no âmago do meu prazer,
enquanto os olhos já se encontram escassos, sem derramar nada.
Apenas a tristeza se abate sobre eles, como um espelho cristalino,
se fui eu que o sequei mereço então carregar a culpa em minhas costas cansadas.
É triste pensar que as flores perderam o cheiro e os dias perderam a cor,
Tudo se encaixa como uma engrenagem de uma máquina robótica-automática
muito apático, repetitivo, onde os dias se copiam e as noites se repetem.

Nesses cômodos vazios eu recebo minha própria definição, infelizmente.
Pode ser que haja esperança, uma fagulha de vida que se perdeu nas minhas lamúrias,
mesmo sabendo que toda essa aura negativa me afunda como areia movediça,
Não consigo sair do lugar, sem válvula de escape, sem saída, afogando, afundando.
A cada rumar do Sol arranco um pedaço da minha alma e atiro ao vento,
Talvez, na companhia dos pardais ela seja mais feliz, voando livre, sem esse cárcere.

Meus olhos tristes perderam o brilho de outrora, em que minhas asas ainda pairavam
Sob um céu plácido, colorido com as cores da aurora, com cheiro de sonhos e sabor de vida.
Ali minhas lágrimas eram passageiras e adubo de força e sabedoria,
ao passo que meus pés falhavam, mas nunca deixavam de sentir o chão...
Houve um tempo, sim, em que a luta era sinônimo de aprender, de recomeçar, de viver,
Contudo, acho que manchei as vestes da verdade com a impureza do cansaço e da dor.

Mas, está tudo bem. Porque ali na estante encontro meu refúgio de palavras,
onde choro no compasso das letras e me deleito com o ritmo da linguagem e do sentido
Ali eu sou alguém e não estou sozinha, pois não há solidão na infinitude da escrita
Encontro um propósito à vida, onde sou apoiada, amada, envolvida, me sinto alguém.
No furacão das letras eu sou poeta, maestra, pintora, rumando minha satisfação.

Mesmo com olhos tristes ainda sou capaz de chorar de gratidão, efetivamente.
Ainda me arrepio e possuo mãos capazes de moldar um universo inteiro,
onde, no tumulto deste insensato mundo enxergo minha amargura na lente da beleza.

E, se chorando sou capaz de sorrir, é porque há em mim muito mais que furos e espinhos.
Ainda sou alguém...
e sendo alguém posso descansar meus olhos tristes que aprenderam a rir.

Ah se você soubesse... (versão individual)

Ah se você soubesse...

Que mergulhava em seus cachos castanhos,
E entre as batidas do relógio fazia uma prece,
Pra qualquer entidade não nos tornar estranhos.
Você nunca saberia que jurava em segredo
O quanto recorria a constelação dos seus olhos...
Sopro de vida, sem um resquício de medo,
Inspirando a lua nas suas fases e modos.

Você também nunca saberia
Que quando o seu cabelo caía no rosto,
E no escuro de seus olhos vivia a luz do dia...
O fôlego evaporava e a alma chorava sem desgosto.
Porque, querido, você talvez não devesse saber
Que sua aura recende a música e poesia,
E seus traços conceituam Monet,
onde cada arte de seu corpo é uma relíquia.

Você foi e será para sempre
A eterna canção que compus sem som,
O quadro que pintei no silêncio da mente,
A fonte, o cerne vívido que me traz inspiração.
Quem sabe devesse não te deixar saber,
Mas é tarde demais para não se permitir errar.
Mesmo longe, apesar de talvez não se reconhecer...
Solenemente, me apaixonei sem me apaixonar.

Como explicar o inexplicável e medir o imensurável?
Palavras nunca serão suficientes para lhe envolver,
Não há rótulos, sua essência é única, puramente inexorável,
Ciência torna-se louca diante da sua inteligência, do seu saber...
Ah se você soubesse que meus olhos cintilavam, em admiração

Apenas em se chegar, ainda que um pouco, nas suas nuances.
Vislumbre necessário do extraordinário universo em sua mão
Que colhia as incertezas e as moldava em beleza nessa performance.
Os seus olhos tornaram-se cegos diante da sua própria genialidade,
Tão singelo, puro e belo que a sua alma sussurrava em meu ouvido
Para contemplar cada um de seus pedaços incríveis na eternidade,
Mas confesso que ao seu lado, a eternidade é ligeira e, pequeno, o infinito.
Apenas se você soubesse que me encantava transcender, desfrutando
Da sua presença, somente em estar, sentir, sem dizer ou fazer nada..
Você me presenteou com lembranças e sua companhia, me iluminando.
Me fazendo inteira, viva, uma pessoa capaz de flutuar estando sentada.

Talvez, eu devesse ter abraçado melhor nosso tempo limitado.
Cada frase dita, cada batida, cada suspiro... milissegundos em dádivas.
Guardei em células, mas ansiava por um pouco mais desse presente dado..
E mesmo pulsando, ainda quente, prefereria ter escrito em letras douradas
Em meu recanto mais profundo, no brio das estrelas, no findar do fim.
E entre meus dias e noites inspiro um pouco do que restou da sua alvorada
Resquícius da melhor coisa que se chegou e se aninhou a mim...
Inspiro, expiro e absorvo a certeza que não há relevância sem sua risada
Não há cores capazes de pintar o buraco negro da sua ausência, assim.
Em cada amanhecer, quando o Sol trazer a luz de uma nova esperança
Recorrerei a constelação dos seus olhos e haverá esperança nos meus
Seu sorriso, sua aura tão plácida sempre será maior que a lembrança
De um dia não ter te deixado saber que renasci mergulhada em traços teus.

Eu sou o eu sou

Eu sou o eu sou

Ser ou não ser, eis a questão
Quanta balela e provocação
Que envolve um ser solitário,
Desejando apenas um relicário
Em si mesmo que permitiria
E não somente lhe mostraria
Sua importância, mas abraçaria
Todos os fatores que em um dia,
Ele optou por esconder sem alegria.

O homem é o lobo do homem?
Um pouco controverso e insone
Que Rousseau, doravante dizia
Que é a sociedade que o corrompia.
O que quer dizer? Estou confuso
E deveria, pois assim é o mundo.
Uma infinidade de versos a debater
O que nenhum homem é capaz de entender.

Então também não somos o que comemos?
Talvez, mas não nos limitemos.
Somos o tudo e somos o nada.
O macro habita em nossa micro morada.
Somos a sombra, a psiqué, o animus e anima,
Somos yin e yang buscando uma vida.
Somos este universo, células de poder
E não há rótulos para se ser.

Ser ou não ser, eis a questão?
O que quer dizer nessa indagação?
Somos o que somos apenas isso,

Se lembre de Descartes, penso logo existo.
É a pura existência humana e carnal,
Temos definições, mas nenhuma ideal.
Apenas somos, consegue entender?
Sou o eu sou e também sou você.

Música, músico, musicalidade.

Música, músico, musicalidade.

Em minhas veias correm acordes que reverberam ardentes
Ao mesmo tempo que meu coração bate em doce compasso
Metrônomo calibra minhas inspirações e expirações latentes,
Assim equalizo cada batida, cada passo em um soar devasso.

Meus ouvidos absorvem harmonia em cada som,
Em cada célula minha vibra notas musicais
Se de dó eu dou ré então de mi aspiro a canção
Respirando música em órgãos e em minhas digitais.

Como pude não perceber a obviedade disso?
Até o silêncio silencioso guarda uma dinâmica sonora
Toque, batuque, tique, tão simples, mas preciso
Que cala e suspira a alma que somente o adora.

Tudo no universo recende a música, ela é universal.
Incentiva o âmago a se encantar e se deslumbrar
Com um mero arranjo que energiza cada ser vital
Que tem em seu corpo um desejo de apenas sonhar.

Há muito já se dizia que fazemos tudo por prazer
Mas jamais faria algo que não fosse por música
Ela é a deusa que me motiva a simplesmente ser,
Vivendo nela, por ela e com ela, minha razão única.

Nada me faz viver melhor do que minha companheira,
Aquele que mora em meus pensamentos dia após dia.
Essa que me completa, me repara, conserta, me faz inteira.
Minha parceira que incorpora em mim pura poesia.

Minha amiga que me entende, me permite ser o que sou
Me permite chorar em seu ombro, em lágrimas iluminadas
Se suplico, me alegro, me achego e em seus braços vou
Consigo vislumbrar o paraíso nas notas em mim marcadas.

Ó divina música! Deusa da perfeição e beleza neste mundo,
A ti entrego a vida, o amor, meus desejos e minha felicidade
Pois você é o sossego do meu pavor, a luz que abriga tudo
E me faz deleitar, sublime, no leito da sua efêmera eternidade.

Retomando o amor a vida

Retomando o amor à vida

O Sol se foi, junto com o crepúsculo e com as andorinhas,
Tudo que restou ali, inerte sob as estrelas, foi um coração vazio.
Vazio e esvaziado dos suspiros que preenchiavam suas linhas,
que agora se limita a ser esboços sem sentido, sem cor e brio.
Ali, com um papel na mão e lágrimas no olhar entristecido,
onde outrora havia algo a ser clamado, não há nada para sentir
Tábula rasa escondida, que fora pintada, mas o gelo apagou o tecido.
E nada há para se sentir, apenas pernas trêmulas, tentando não cair.

Aquele pedaço de papel na mão, amassando um conceito definido
Revelou que é necessário ter em si algo que valha a pena..
Um ponto de luz, uma fagulha acesa, um amor revivido
Algo que acenda a libido na existência hostil desta cena.
No entanto, apesar de pressentir a mudança, esta não é real
Vive no fluir da minha cabeça, paranoia que iludindo me embala
E nessa ilusão mergulho para não enlouquecer sem loucura literal.
As sombras já escureceram meu céu azul e o tornou apático, sem fala.

Cinza, sem cor, nem preto nem branco, não há cores e nada se pintou.
Me escondi em minha própria caverna, impenetrável, apenas só.
Talvez isso se aplique a lúcida sensação de solidão que me armou
Como um cofre sem chave com ânsia de ser aberto, limpando seu pó.
Sei apenas que há muito tempo me enterrei para me entender
E isso recaiu sobre meus ombros com um peso que me fez desabar
Apenas desisti de tentar, respirando por aparelhos para sobreviver.
E assim fui, dia após dia, sem lanças, apenas uma armadura para lutar.

Um simples momento me fez internalizar o quão errôneo estavam meus atos

Eu preciso sentir novamente, quebrar o escudo, somente me permitir.
Necessito daquele arrepio, da saudade, do toque, batimentos acelerados.
Preciso sentir tristeza, dor, alegria, medo e acima de tudo, preciso me abrir
Me abrir inteiramente ao amor, aceitando as falhas e os prazeres que o compõe
Preciso, mais do que preciso de encontrar a chave, acordar minha alma e chorar
Chorar pela vida que sufoquei no espectro infeliz que a amargura impõe.
A vida gerou um feto em seu ventre, agora eu sei, é o verbo amar.

As estrelas sorriem e o vento acalenta tudo em seu devido lugar,
As copas das árvores descansam em sombras escuras e acolhedoras
E enquanto isso seco as lágrimas que trouxeram voz a vida que veio calar,
Calar os dias cinzentos e os vazios intermináveis nas noites arrebatadoras.
Agora, sim agora, posso abrir as asas e voar, sentindo as cores me colorindo,
Retomando os riscos, as linhas, trazendo a tona um suspiro de liberdade
Onde um papel humilde me contou o que eu estava, inconsciente, suprimindo
E me cantou a música que cravou em mim a essência da felicidade.

Miserável

Miserável

Penso muito, me cobro muito, demasiadamente demasiado

Vou, volto, me deito, revolto, suspirando, gritando...

Tento me desprender, mas estou preso aqui neste pecado

Tento um refúgio pra me esconder, mas estou falhando...

Aquela balsa amarela já não faz tanto sentido assim

Aquele rouxinol cinza não me dá mais bom dia

Apenas recorro a fumaças escuras e a um copo de gim

A tintas no peito, a lágrimas vazias, sem alegria.

Não sou nada, apenas um espírito errante

Buscando algo para alimentar meu ser que morre.

Algo pra colorir o céu que é cinza, escuro, incessante

Incessante, sem cessar, sem sentir nada e que me fode...

Foge... deste insensato lugar, cruel, amargo, horrível

Seu ser grita, eu sei, o meu também se calou de gritar

À luz deste dia que tornou-se rubro, corrupto infalível,

mas falhando em apenas falhar por tentar lutar.

Dói, eu sei que dói, mas a verdade pode ser dolorida.

A verdade nem sempre é crua, pode vir revestida.

Cada camada sufoca as outras vertentes de viver

Há muito tempo se tentou ser algo sem poder ser.

Olho ali, através da janela enferrujada, a visão entorpecente

Tão psicodélica que não parece ser verdadeira e real

Não foi eu, eu sou cruel, na verdade, sou como a serpente

Mas uma serpente que não morre sem cabeça no final.

Sou uma sombra que tento sufocar, a obscuridade escura

Segurei cada ponta maligna para não desmoronar

Mas tudo está caindo agora, tudo está marcando ranhuras
Cravando em mim cicatrizes que não posso suportar.
As borboletas monarcas não dançam mais sobre o celeiro,
os potros não sorriem com inocência maçante e forjada
Tudo se esconde em uma caverna mortal de falso/verdadeiro
Limitando a uma única visão um mundo de alta escalada.

Quando minhas mãos decidiram aprumar sua realidade contida
Tudo ao redor se fechou em um cerco robotizado e material
Mas, ali estava ele, o alterego açoitando com vara estendida
Queimando, ardente tudo que renasce neste corpo mortal.
Ali me encontro, em um sistema delirante de prazer e dor,
Onde o prazer é deveras passageiro.. apenas passageiros
E a dor encarna, incorpora no profundo sentir do ardor.
Não há meio termo pra uma alma sem pedaços inteiros.

Por isso tento fugir, tento me mascarar com algo sem ser eu
Em um copo cheio, um corpo dolorido, pulmões carbonizados
E diante de uma mente entorpecida, sem encarar o que aconteceu
Inicio o fim da minha vida, sem alegria e com prazeres empurrados.
Rápido, não quero ver, não quero sentir, sem querer consertar
Apenas desejo injetar em minhas veias dopamina para sobreviver
Em meu corpo vazio e tatuado nada há além de feridas sem curar
Sem cura, sem nada, com somente uma bebida pra me levar a esquecer.

Para sempre Lily

Para sempre Lily

Ali estava ela, muito mais do que uma menina
suspirando na janela, contemplando uma rosa fina.
Um sorriso oblíquo e distinto, ela iluminava ao redor,
Mesmo vivendo em absinto e respirando o pior.
Seus sonhos foram queimados nas chamas da realidade
Aquele que mata os diferenciados e suprime a felicidade.
Um lugar sombrio nunca foi digno de tê-la em seu recanto.
Aquele olhar vazio nunca representou o verdadeiro pranto.
Ela buscava cores no preto e branco, tentando se segurar
la no deserto e buscava flores, apenas para não desmoronar.
A vida pode ser muito cruel e finais felizes não existem,
Não deveria olhar para o céu e acreditar naqueles que resistem.
Resistindo a uma verdade dura, gélida e cortante, sem leito.
Fazendo escura a lua e quente o Sol que iluminava o parapeito.

Ali estava ela, agarrando as bordas do seu barco de papel
navegando nela, e se afogando
As estrelas que outrora lhe cantavam, agora estão caladas
A relva vinda da aurora encontra-se apática com folhas geladas.
Nenhum arrepio, nem do sustenido de uma flauta arrebatadora.
somente frio, a estiagem da realidade congelando a alma sonhadora.
Tão sozinha em meio as suas canções, tão esquecida pelas obrigações
Ela sufocou suas artes e aspirações, pois fizeram-na acreditar em rotulações
Rótulos que fazem da arte algo desnecessário e os sonhos estúpidos
Melhor é ralar a pele no calvário em busca de sucessos abruptos.

Ali estava ela, dia após dia
Uma menina solitária tentando a alegria
Ninguém lhe segurará quando cair-se-á, ou lhe abraçará
Mas ela tenta se sustentar, se prende ao que criará.
Ela escreve poesia, canções e olha as estrelas a noite

Apenas pelas próprias emoções, aliviando o açoite
Mesmo com lágrimas nos olhos, Lily busca sobreviver
Mergulhando em tintas e sonhos, seu lítio de viver
Uma menina adorável, mas esquecida, um ser invisível
Apesar de toda a sua luz garrida e de sua coragem temível
Ninguém a encoraja, ninguém a fortalece ou lhe acalma
Mas, sem que alguém o fizesse, limpa sua alma.
Ela tenta sozinha, ela por ela, abraçando o mundo inteiro
Porém na calada noturna, só no escuro, sente a dor no peito.

Ali estava ela, a flor mais esbelta a florescer
Uma rosa bela, brotinho tentando se esconder
Pois ensinaram-lhe que sua luz de nada valia
Sua inocência nenhum bem lhe proporcionaria.
Seu encanto sufocado poderá ser resgatado algum dia
E, quando este chegar, o paraíso se encherá de muita alegria
Já que ela não desistira de si mesma e tentava resgatar o dela
Em cada alvorecer, inspirava o solar e absorvia a brisa amarela
Então apanhava uma flor no seco jardim e secava as feridas
Sussurrando jurava, para sempre Lily seria, em todas as vidas.

Memórias

Memórias

Há algo que palpita nesse estado alerta de medo...

Paranoia se assemelha a uma breve parte desse processo.

Enquanto sumo sem rumo, viajo em desejo, olhando no espelho...

Cada vez mais reflito sobre a imagem inversa em retrocesso...

Meus olhos, sem pupilas se questionam de instante em instante,

"O que é isso que reflete à minha frente, tão distante?"

Não... é uma criança risonha aqui, que adormecia nos cantos,

que um dia fora amada, acolhida, protegida e adorada,

mas que o tempo foi o ladrão, tomando todos os encantos

e deixou a carcaça pútrida de ego e de uma mente atormentada.

Os anos, sim os anos, mataram uma alma sensível e plena,

e resgatou o gelo em forma de vaidade e tristeza, apenas.

Não... aqui há uma face enrugada por anos fugazes de infelicidade.

Não há como evitar que o tempo de outrora fora consumido

pelo fogo do amadurecimento e da amargura, quietos por liberdade.

Fatos se tornam lembranças sem me dar conta do acontecido

É assim que são as coisas, a vida é bruta, fustiga, ensina... é isso!

Então, sou a culpada por não ter lido a dor no sentido omisso.

Aqueles olhos que sonhavam e aquela mente que criava...

Horas passam, as coisas mudam, mas nunca mudam realmente

E, se eu parasse um pouco perceberia que a luz que cintilava

é a mesma que borbulha nos meus olhos atualmente.

Por que deixei a leveza trancada num baú empoeirado,

quando eu deveria trancar a sete chaves as mágoas do passado?

E, se parasse pra refletir, perceberia que o céu nunca mudou

eu é que mudei a maneira de olhar, assim, sou cega.

Aquele mesmo céu foi cenário de um sonho que transformou

A minha existência em inexistência, mas que não nega

Que um mesmo lugar transformou a dor em revolução

E a beleza em catástrofe, mas sem alterar o palco da encenação.

Então eu vou, com a paranoia se transformando em verdade
Suprimindo os gritos eufóricos deste insight fremente.
Enfim, recebo o peso dos números, das dores com felicidade,
pois desse peso surgiu uma alma que descobriu ser vivente.
O que sou não é o que criei, e passo a tingir-me da criança risonha
Que revoava sobre os ares com coragem, sem medo dessa vida medonha.

Casa amarela

Casa onde Van Gogh morou, junto com Paul Gauguin

Casa amarela

Dias longos, noites frias, que acolhedoras, colhem frutos e sementes.
Luzes, velas, sonhos escondidos entre os quadros aquarela.
Quão grande foste os sorrisos derramados entre o batentes
E pelos cantos cantavam-se prosas dentro da casa amarela.

Dias sombrios, noites amargas, que fétidas, entorpecem o pudor.
Tempestades, prantos, gritos sofridos debaixo das telhas entre eles e ela
Quão grande foste as angústias sufocadas e enterradas em cada dor
E em cada cômodo vazio, um suspiro e uma lágrima na casa amarela.

Dias cinzas, noites sem cor, que ingênuos calam as vozes.
Repetições, rotinas, manias marcadas no calendário de primavera
Enquanto, desabrocham triunfantes suas flores de botões nobres
A vida não faz sentido dentro de uma comum casa amarela.

Dias ensolarados, noites estreladas, que lívidas, acalmam o coração
Risos, encantos, saudações ao Sol e as estrelas que moram na janela.
Havia luz e vida entre as portas, assim como lá fora havia verão
Todas as estações de uma história são abrigadas pela casa amarela.

O Sol nasce para todos

O Sol nasce para todos

Ser alguém, não mais um ponto, agora fez-se vida
Em nome de quem rega a semente da existência estendida
Muito mais do que um dia, maior do que o universo
Não cabe, nem arredia, quem diria em um verso.

Os que se acovardam, os que temem a igualdade,
Trabalhando a favor do ego, ditando superioridade
Mas o que importa é o ponto nascido, é quem somos
Seres humanos, de alma em fogo, sem miséria, nem tronos.

Não há gênero, não há cor, não há rótulos ao vivente
Pois só por existir carrega cada direito vibrando, latente.
Somente há uma tela em branco, voltando ao ponto
Dispensando distinções de um e outro, ao encontro.

Somos células de um mesmo corpo, tudo se liga
Mesmo sem aceitar, voltamo-nos ao outro, uma só vida.
Cada um é uma projeção de um todo maior, o macro puro
Somos fractais do outro, apenas um tijolo de um muro.

Sou você e você sou eu, somos iguais e sem distinção
Se lhe ferir a mim irei matar, integro-me em seu coração.
O Sol nasce para todos e todos são o mesmo genoma
O genoma humano, da liberdade, sem rotulações da soma.

#blacklivesmatter

#justiceforgeorgefloyd

#vidasnegrasimportam